



O TRANSBORDAMENTO DO OLHAR: PERCEPÇÃO E ATITUDE CATEGORIAL EM GURWITSCH E MERLEAU-PONTY

The overflow of the gaze: perception and categorial attitude in Gurwitsch and Merleau-Ponty

PEDRO HENRIQUE SANTOS
DECANINI MARANGONI*

El desborde de la mirada: percepción y actitud categorial en Gurwitsch y Merleau-Ponty

DANILO SARETTA VERISSIMO**

Resumo: O propósito deste trabalho é apresentar e discutir as apropriações realizadas por Aron Gurwitsch e Maurice Merleau-Ponty do conceito de atitude categorial, oriundo das pesquisas de Kurt Goldstein. No campo da psicopatologia, a atitude categorial refere-se à estrutura de comportamentos possíveis ou virtuais, demarcados no registro do simbólico, que permitem ao sujeito relacionar-se com o mundo para além dos dados atuais ou presentes da percepção. Ao denotar esse plano simbólico, ao qual a esfera comportamental de pacientes com lesão cerebral parece não mais se inscrever, o conceito de atitude categorial abre-se à possibilidade de ser interpretado a partir do léxico da ideação, da abstração ou da generalização. Isto implica conceber que a noção de categoria habitaria um plano distinto do plano sensível ou perceptivo. Esta é a leitura proposta por Gurwitsch, que aproxima a noção de atitude categorial das elaborações entalhadas por Husserl, através da distinção entre significado perceptivo e significado categorial. De modo distinto, na primeira obra de Merleau-Ponty, *A Estrutura do Comportamento*, o tratamento da atitude categorial é realizado com vistas a enraizar a capacidade idealizante da experiência humana na própria dinâmica perceptiva, definindo o comportamento simbólico, primordialmente, como capaz de “multiplicidade perspectiva”.

Palavras-chave: atitude categorial, Gurwitsch, Goldstein, Merleau-Ponty, percepção.

Abstract: The purpose of this paper is to present and discuss the appropriations made by Aron Gurwitsch and Maurice Merleau-Ponty of the concept of categorial attitude, derived from the research of Kurt Goldstein. In the field of psychopathology, the categorial attitude refers to the structure of possible or virtual behaviors, demarcated in the register of the symbolic, which allow the subject to relate to the world beyond the current or present data of perception. By denoting this symbolic plane, to which the behavioral sphere of patients with brain injury seems no longer to be inscribed, the concept of categorial attitude opens to the possibility of being interpreted from the lexicon of ideation, abstraction, or generalization. This implies conceiving that the notion of category would inhabit a plane distinct from the sensitive or perceptual plane. This is the reading proposed by Gurwitsch, who brings the notion of categorial attitude closer to the elaborations carved by Husserl through the distinction between perceptual meaning and categorial meaning. In a different way, in Merleau-Ponty's first work, *The Structure of Behavior*, the treatment of the categorial attitude is carried out towards rooting the idealizing capacity of human experience in the perceptual dynamics itself, defining symbolic behavior, primarily, as capable of “perspective multiplicity”.

Keywords: categorial attitude, Gurwitsch, Goldstein, Merleau-Ponty, perception.

Resumen: El propósito de este trabajo es presentar y discutir las apropiaciones que hicieron Aron Gurwitsch y Maurice Merleau-Ponty del concepto de actitud categorial, surgido de las investigaciones de Kurt Goldstein. En el campo de la psicopatología, la actitud categorial se refiere a la estructura de conductas posibles o virtuales, demarcadas en el registro de lo simbólico, que permiten al sujeto relacionarse con el mundo más allá de los datos actuales o presentes de la percepción. Al denotar este plano simbólico, al que parece no inscribirse la esfera conductual de los pacientes con lesión cerebral, el concepto de actitud categorial se abre a la posibilidad de ser interpretado desde el léxico de la ideaación, la abstracción o la generalización. Esto implica concebir que la noción de categoría habitaría un plano distinto del plano sensible o perceptivo. Esta es la lectura que propone Gurwitsch, quien aproxima la noción de actitud categorial a las elaboraciones talladas por Husserl a través de la distinción entre significado perceptivo y significado categorial. De manera diferente, en la primera obra de Merleau-Ponty, *La estructura del comportamiento*, el tratamiento de la actitud categorial se lleva a cabo con vistas a enraizar la capacidad idealizadora de la experiencia humana en la propia dinámica perceptiva, definiendo el comportamiento simbólico, principalmente, como capaz de “multiplicidad perspectiva”.

Palabras-clave: actitud categorial, Gurwitsch, Goldstein, Merleau-Ponty, percepción

* Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Email: pedro.marangoni@yahoo.com.br. Professor da Unibr/Botucatu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2473-4514>. Esta pesquisa é resultado do trabalho de doutorado desenvolvido com o financiamento da Fapesp (Nº. Processo 2017-15348-3).

** Danilo Saretta Verissimo: Docente do Departamento de Psicologia Social e Educacional e do Programa de Pós-graduação em Psicologia - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Email: danilo.verissimo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7981-3877>



Esclarecimentos Histórico-Conceituais.

O objetivo do presente trabalho é apresentar e discutir certas diferenças interpretativas entre as filosofias de Aron Gurwitsch e Maurice Merleau-Ponty, quanto à compreensão e o emprego do conceito de atitude categorial, tal como idealizado e desenvolvido pelo psiquiatra Kurt Goldstein. Ao propormos investigar e confrontar os contornos conceituais específicos que cada autor confere à noção de atitude categorial, referente à dimensão abstrata ou virtual da experiência humana, temos a especial intenção de ressaltar o modo como eles trataram da natureza das relações entre o domínio perceptivo, sensível e a esfera categorial ou racional da conduta.

Subjacente a esta proposta, identificamos a necessidade de um apontamento histórico preliminar. Esta investigação comparativa em torno das interpretações particulares da noção de atitude categorial é motivada por nosso alinhamento à tese historiográfica, advinda das pesquisas de Pintos (2007), de que Gurwitsch¹, em seu período como professor na Sorbonne nos anos 30², exerceu uma influência importante para a formação do pensamento inicial de Merleau-Ponty. Mais especificamente, uma das hipóteses historiográficas que aproximam nossos protagonistas é a ideia de que fora Gurwitsch o responsável por transmitir a Merleau-Ponty a obra de Kurt Goldstein, eminente psiquiatra e neurologista. O tom hipotético desta correlação deve-se, sobretudo, às reticências ou ao silêncio de Merleau-Ponty em relação a Gurwitsch. É difícil estabelecer tal conexão entre os autores se tomamos como parâmetro as obras de Merleau-Ponty, já que as poucas referências a Gurwitsch não parecem assumir um papel central no desenvolvimento de seu pensamento. Contudo, outras fontes providenciam uma avaliação distinta e favorável à tese historiográfica em questão. Por exemplo, de acordo com uma carta endereçada a Alfred Schutz, datada de 15 de dezembro de 1946, Gurwitsch afirma ter terminado a leitura d'*A Estrutura do Comportamento* (Merleau-Ponty, 1942/1967). Sua opinião é a de que Merleau-Ponty utilizara muito de seus materiais sobre Goldstein, tanto aqueles impressos como as anotações dos cursos ministrados pelo filósofo lituano na década de 1930 (Grathoff, 1989, p.88). Em outra carta, de 11 de agosto de 1947, Gurwitsch demonstra suas impressões sobre a *Fenomenologia da percepção*, expressando-se da seguinte forma: "Ele aprendeu muito de mim e tomou grande parte disto. Não apenas em detalhes, onde ele levou muitas coisas adiante. Eu duvido que ele teria tido a ideia de interpretar o material psicopatológico fenomenologicamente, sem a minha influência". (Grathoff, 1989, p.93). Estas cartas representam dois materiais de fundamental importância metodológica. Malgrado o fato de que Gurwitsch discorreu longamente em seus cursos, durante seu período parisiense, sobre a Psicologia da *Gestalt* e a Fenomenologia de Husserl, é na apresentação da biologia organicista de Goldstein que o autor localiza sua contribuição a Merleau-Ponty. Em seu importante estudo sobre a gênese das relações "estreitas" entre Gurwitsch, Goldstein e Merleau-Ponty, a professora Maria Luz Pintos³ afirma que: "Merleau-Ponty entrou diretamente em Goldstein pela mão de Gurwitsch" (Pintos, 2007, p.212). Analogamente, na introdução da obra *Cambridge Companion to Merleau-Ponty*, uma importante coletânea de trabalhos sobre o autor francês, os editores Taylor Carman e Mark Hansen tecem a seguinte observação em uma nota de rodapé: "Merleau-Ponty nunca lhe deu o crédito adequado por isto, mas é nítido que Gurwitsch foi a fonte original de seu conhecimento da teoria da Gestalt e do trabalho de Gelb e Goldstein" (Carman & Hansen, 2005, p.24). A complementação da investigação historiográfica também pode contar com relatos fornecidos por estudantes do autor lituano, como é o caso do eminente fenomenólogo americano, Lester Embree. Em suas conversas com Gurwitsch, há uma menção que possui um valor particular na sustentação desta hipótese histórica:

Uma vez perguntei a Gurwitsch se ele havia ensinado Merleau-Ponty sobre estas tendências [a Fenomenologia e a Psicologia da Gestalt]. Ele respondeu que Merleau-Ponty já estava familiarizado com elas quando eles se encontraram, mas que ele havia lhe ensinado a apreciar o que podia ser aprendido de Goldstein (Embree, 1981, p.154)

1 Aron Gurwitsch (1901-1973), filósofo lituano, figura central na disseminação e no desenvolvimento da fenomenologia, sobretudo, nos Estados Unidos. Primeiro autor a articular fenomenologia e Psicologia da Forma. Além da relação de proximidade teórica e pessoal com Husserl, o autor trabalhou junto de Gelb e Goldstein e foi aluno de Carl Stumpf. Nos anos 30, Gurwitsch ministra cursos sobre Psicologia e Fenomenologia na Sorbonne. Neste momento, ele estabelece uma relação de amizade e mútua colaboração com Merleau-Ponty, cujos traços conceituais, de influência ou divergência, ainda restam a ser elucidados pela crítica.

2 Os cursos proferidos pelo autor neste período foram coligidos em *Esquisses de Phénoménologie Constitutive* (Gurwitsch, 2002)

3 O trabalho de Pintos restitui a Gurwitsch um lugar central nos anos de formação de Merleau-Ponty e se desenvolve como uma crítica à tendência historiográfica que imputa ao filósofo francês todo o mérito em haver debatido e entrelaçado fenomenologia e *Gestalt*, como se desprende da posição de Geraets (1971). Como atesta a autora "E, quando se fala da relação de Merleau-Ponty com as investigações de Goldstein, é duro comprovar que, no geral, nunca se faz referência alguma a que foi Gurwitsch, precisamente, o intermediário desta relação." (Pintos, 2007, p.201)



Se há, então, uma motivação histórica que nos permite religar essas três figuras, também é importante notar que, no âmbito conceitual, a atitude categorial exerce um papel fundamental na primeira obra de Merleau-Ponty, conforme assinala Bimbenet (2004, p. 74):

Notaremos [...] que o perspectivismo perceptivo, que Merleau-Ponty apresentara frequentemente, em seguida, como estigmata de nossa encarnação, e em oposição a uma definição intelectualista do sentir, este perspectivismo se revela ao contrário condicionado, n' *A Estrutura do Comportamento*, pela atitude categorial

Esta interpretação referente à centralidade do conceito de atitude categorial na primeira obra de Merleau-Ponty, a qual buscaremos elucidar os contornos específicos, unida à tese historiográfica do papel intermediário exercido por Gurwitsch na transmissão do pensamento de Goldstein, reforça a necessidade de uma confrontação entre os autores. Nossa exposição se iniciará pelas observações clínicas de Goldstein, que permitiram formular uma interpretação das modificações patológicas ocasionadas por lesão cerebral como alterações qualitativas e globais da conduta. A lesão cerebral afeta a estrutura de comportamentos denominada de atitude categorial, reduzindo o campo de atividade dos pacientes à um nível de atitude concreta, menos abstrata e mais atrelada aos aspectos perceptivos ou atuais das situações. Em seguida, assinalamos como Aron Gurwitsch se apropria da divisão entre atitude concreta e atitude categorial para sublinhar a diferença essencial entre a significação perceptiva, relacionada à experiência direta, e a significação categorial, apreendida via processos de ideação ou abstração. Por fim, apresentamos uma alternativa a esta cisão entre a experiência sensível e a experiência categorial, presente no tratamento antropológico dado por Merleau-Ponty à atitude categorial, n' *A Estrutura do comportamento*, por meio da noção de multiplicidade perspectiva.

A Atitude Categorial em Goldstein

A atitude categorial, ou função simbólica, consiste em um dispositivo teórico-experimental forjado no âmbito de importantes mudanças conceituais e metodológicas no campo da psicopatologia e da fisiologia cerebral da primeira metade do século XX (Verissimo, 2012). A interpretação clássica dos fenômenos patológicos ocasionados por dano no tecido cerebral tendia a reforçar a correlação direta entre as funções psíquicas e as áreas do cérebro, de modo que a lesão operaria a supressão de certos “fragmentos reais do comportamento” armazenados em áreas específicas do tecido cerebral (Merleau-Ponty, 1942/1967).

As investigações realizadas pelo psicólogo Adhemar Gelb e pelo psiquiatra Kurt Goldstein notabilizaram-se por oferecer uma interpretação estrutural do quadro patológico, oriundo de lesões cerebrais. Segundo os autores, a patologia é a expressão da restrição da estrutura categorial ou simbólica da conduta a uma dimensão concreta, em que todo o comportamento do paciente está confinado a agir sobre os aspectos específicos ou atuais dos objetos visados (Gelb & Goldstein, 1925; Goldstein, 1961; Goldstein, 1934/1983, Goldstein 1971). Frente à interpretação localizacionista, que afirma o primado da localização na delimitação da função psíquica, os autores entendem que a lesão ocasiona uma reorganização de toda atividade do sujeito. O que a experiência patológica revela não é uma restrição ou eliminação específica da função correspondente à área lesionada; na verdade “a transformação patológica acontece no sentido de um comportamento menos diferenciado, menos organizado, mais global, mais amorfo” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.69-70). Um dos fenômenos patológicos emblemáticos para o emprego da noção de atitude categorial foi o da afasia amnésica. As afasias constituem um tipo de distúrbios de linguagem ocasionados por lesões no setor central do sistema nervoso e reconhecidas como perturbações na “utilização das regras necessárias para a produção e/ou compreensão de uma mensagem verbal” (Merleau-Ponty, 2011, p. 65). No caso das afasias amnéscas o sintoma característico é a incapacidade de nomear objetos, ainda que eles sejam familiares ao paciente (Goldstein, 1971). Os autores observaram em seus pacientes afásicos que as dificuldades relacionadas ao uso da palavra não adviriam da perda do estoque de imagens mentais responsáveis pela fala, posição esta sustentada pela interpretação clássica localizacionista, haja vista que o sujeito ainda conseguia empregar as mesmas supostas palavras perdidas em contextos distintos. Observa-se, nesse sentido, que a alteração patológica não resulta da supressão de funções isoladas; ela atinge, antes, um certo nível de atividade que permeia toda conduta: o nível simbólico ou categorial. Daí a formulação da diferença entre duas estruturas do comportamento que a experiência patológica auxilia a elucidar; de um lado, temos a atitude categorial ou abstrata, marcada pela capacidade de subsumir os dados sensíveis em categorias, e a atitude concreta, representada por ações que visam os aspectos particulares das situações. O comportamento dos pacientes com lesão cerebral encontra-se limitado a um quadro de condutas concretas, passivas, estritamente atreladas aos detalhes perceptivos dos objetos, incapazes de articular a linguagem, a percepção ou a motricidade para além da situação atual ou de seus aspectos particulares.

No caso dos afásicos, o distúrbio da atitude categorial restringe a linguagem a um campo marcado pela passividade, pela perda de fluidez e expansividade da expressão, verificável pela dificuldade dos pacientes em fazer a mesma palavra deslizar entre seus diferentes sentidos, ou ainda, pela aparente impossibilidade em



aprender metáforas⁴. Um paciente, por exemplo, não podia dizer “está chovendo” caso não estivesse chovendo de fato (Goldstein, 1961). No entanto, em dias chuvosos a frase lhe ocorria naturalmente. Goldstein (1971) descarta a hipótese que atribui a incapacidade de nomeação à problemas relacionados ao reconhecimento perceptivo do objeto. Dada a impossibilidade de nomear os objetos mostrados pelo médico, o paciente recorre a descrições detalhadas de seus empregos práticos ou de seus usos cotidianos. Estas perífrases ocorrem, por exemplo, quando se pede ao paciente que nomeie um lápis, um copo ou um guarda-chuva e este, incapaz de fazê-lo, diz: “isto é para escrever, isto para beber e isto é para a chuva” (Goldstein, 1971). Ora, o sujeito apreende o sentido funcional do objeto, sua percepção não lhe é estranha. Curiosamente, observa Goldstein (1961), palavras utilizadas nestas descrições características não podem ser empregadas pelo paciente se tomadas na atitude da nomeação – o sujeito pode ser capaz de dizer “chuva” para descrever um guarda-chuva, mas não consegue nomear o fenômeno chuvoso em-si.

Há casos, no entanto, em que o paciente parece ainda valer-se de condutas abstratas que, sob análise minuciosa, demonstram ser subterfúgios ou pseudo-mecanismos de categorização ou classificação. Um desses mecanismos é denominado por Goldstein de “pseudo-nomeação” (Goldstein, 1971) e refere-se a um saber verbal prévio do paciente que o permite associar o objeto percebido à uma determinada palavra. Mas, nestes casos, à diferença do emprego categorial, o sujeito recorre ao uso automático da linguagem, à sua conotação concreta, no qual as palavras são “adaptadas à individualidade do objeto dado” (Goldstein, 1961, p.69). A redução da conduta ao nível concreto implica que a linguagem não mais exerça sua função representativa. Ao contrário, a linguagem torna-se o veículo ou a narração de aspectos vividos, de modo que no comportamento concreto ela “não é muito mais do que uma propriedade do objeto ele mesmo, em adição às propriedades físicas como a cor, o tamanho, etc.” (Goldstein, 1971, p. 403). Essa aderência da linguagem ao âmbito atual transparece em nomeações sempre atinentes à caracteres individuais do objeto, como sua cor, seu tamanho, seus detalhes etc. Em um outro caso, uma paciente que apresenta dificuldades em nomear classes de animais, só consegue fazê-lo após apresentarem-lhe exemplos: rato, gato etc. Na sequência, nota-se que os animais listados pela paciente são aqueles que ela se recorda de ter visto na entrada do zoológico: o urso pardo, o urso polar, o tigre e o leão. É notável, para Goldstein, que a paciente não dissera simplesmente “urso”; ela não empregara uma mesma categoria para englobar os dois exemplares: ela os mencionara em sua individualidade (Goldstein, 1961). Da mesma forma, quando o médico lhe pede que diga nomes aleatórios de mulheres, ela menciona apenas os nomes de familiares. Uma outra paciente não consegue pronunciar palavras plurivalentes – segundo ela, cada palavra deveria se acoplar a apenas um sentido específico. Nestes casos, Goldstein sugere que o sujeito não pôde utilizar da palavra enquanto categoria, limitando-se a empregá-la na qualidade indicativa dos aspectos individuais das situações concretas. Com base nestas observações clínicas, Goldstein considera que, nos afásicos “as palavras perderam seu significado” (Goldstein, 1961, p.73; 1971, p. 404). Se as palavras perderam seu significado no sujeito afásico é, justamente, na medida em que elas não mais são utilizadas como “símbolos”, como representantes de ideias, limitando-se a descrever as particularidades do objeto na situação presente. Eis o que o autor entende afinal: “nossa conclusão é que a incapacidade do paciente para nomear os objetos é uma consequência de sua incapacidade para adotar a atitude abstrata, já que esta é um requisito prévio para a denominação de objetos” (Goldstein, 1961, p.71).

A distinção entre esta atitude categorial, que permite a subsunção do dado sensível a uma categoria, e a atitude concreta, em que o sujeito está restrito aos traços particulares do objeto, prova que a linguagem não se limita à associação simples entre um som e um objeto; ela designa uma orientação do sujeito perante o mundo marcada no registro da possibilidade e da abstração, rompendo a força de atração dos detalhes perceptivos. Além disso, nota-se que os pacientes, em seus esforços de nomeação, mobilizam todo o seu corpo de forma expressiva, na tentativa de produção de um sentido vivido ou concreto que substitua as palavras; um tipo de suporte corporal que evidencia “o predomínio da ação sobre o pensamento” (Goldstein, 1961, p. 70).

Com efeito, o que se atesta é que o distúrbio da atitude categorial não se restringe à linguagem, mas que também afeta a totalidade do comportamento. Alterações substantivas em outros setores da conduta são demonstradas a partir da aplicação de testes variados. Em um dos testes icônicos de Goldstein sobre categorização na percepção, dispõe-se uma variedade de fitas de lã coloridas e se pede ao paciente que separe e ordene todos os tons de vermelho (Goldstein, 1971). A aproximação das fitas da mesma cor é uma atividade ponderada e lenta que parece não se satisfazer prontamente pela inspeção do olhar. Um paciente, ao ser requisitado escolher dentre as amostras apenas aquelas que correspondiam a uma cor fundamental elenca como similares cores distintas. Ele categoriza como pertencente ao exemplar de vermelho brilhante, por exemplo, um azul também brilhante. Inicialmente, seria viável aventar que o paciente está acometido de uma espécie de cegueira para a cor. Outros testes mostram, no entanto, que o paciente é sensível às cores, podendo mesmo efetuar distinções mais específicas. No caso em questão, o que se averigua é que a escolha de um princípio categorial advém da percepção de uma qualidade ou aspecto do exemplar: o brilho. O paciente aproxima o azul do vermelho graças a um critério de classificação centrado no fator brilho e não na cor. A categorização, nestes pacientes, demonstra ser um processo

⁴ Merleau-Ponty resume a posição dos autores (1942/1967, p.68-69): “Em certas afasias amnésicas, a observação mostra que o sujeito não perdeu as palavras, propriamente falando, as quais ele continua capaz de empregar em linguagem automática; ele perdeu o poder de nomear, porque, no ato de denominação, o objeto e a palavra são tomados como representantes de uma categoria, considerados, portanto, de um certo “ponto de vista” escolhido por aquele que nomeia, e que é esta “atitude categorial” não é mais possível em um sujeito reduzido à experiência concreta e imediata”



estritamente atado às particularidades da situação. É interessante notar que “por mais surpreendente que seja, o paciente que segue um certo atributo, pode ser incapaz de seguir este procedimento [...] se lhe pedimos que escolha todas as fitas brilhantes” (Goldstein, 1971, p.401). No caso dos sujeitos normais, assinala Goldstein (1971), diferenças de brilhos, tonalidade, calor etc. em suma, os aspectos individuais da cor não se sobressaem àquilo que as une, sua qualidade básica ou essencial, e é por esse motivo que um vermelho mais escuro pode ser visto como exemplo de um outro vermelho mais claro ou vice-versa. “Nós tratamos as fitas não como coisas nelas mesmas, mas como representativas de uma certa qualidade”, escreve Goldstein (1971, p.402).

As idiosincrasias do paciente no processo de seleção de cores são interpretadas como uma conduta reduzida a sua expressão concreta. O sujeito fideliza suas reações aos aspectos individuais ou particulares dos objetos e não mostra provas de conseguir adotar um tipo de conduta mais aberta e variada, capaz de correlacionar os dados sensíveis a uma categoria ou a um *eidós*, como a ideia de “vermelho”, por exemplo. No plano da experiência concreta, os detalhes perceptivos possuem uma força de atração maior do que aquela exercida pela categoria ou pela ideia do objeto. A conduta categorial, por sua vez, requer que o sujeito se oriente em um registro ideativo ou abstrato, que não se limite aos pormenores da cena perceptiva. Para atender às ordens de seleção e classificação sob o critério da categoria, é preciso que o sujeito abstraia as especificidades de cada cor, o vermelho-sangue, vermelho claro, e as elenque sob o registro do geral: “o vermelho”. De acordo com Goldstein: “na atitude abstrata⁵ não estamos voltados para um objeto individual mas para a categoria, da qual ele é um exemplo acidental e representativo” (Goldstein, 1971, p. 402).

Esta atitude categorial configura a amplitude idealizante de toda conduta, dotando nossos comportamentos com uma espécie de liberdade ou de abertura ao possível, distinta do modo de ser das condutas concretas, marcadas pela atenção ao particular ou ao específico da situação. O distúrbio da atitude categorial se revela, em linhas gerais, na incapacidade global da conduta de estabelecer relações virtuais, realizar ações gratuitas ou que demandem a subsunção de objetos particulares a categorias universais. Trata-se, em outros termos, de uma “incapacidade de separar si-mesmo e o mundo” (Goldstein, 1934/1983, p. 28), ou ainda, de uma ruptura na “faculdade de adotar a perspectiva do possível” (Goldstein, 1934/1983, p. 28).

Tipicalidade Perceptiva e Categoria em Gurwitsch

Com o intuito de examinarmos o tratamento dado por Gurwitsch ao tema da atitude categorial é necessário, em primeiro lugar, abordarmos a estrutura horizontal e excessiva da experiência perceptiva, por meio da qual o objeto é visado não apenas como um indivíduo particular, um “isto”, mas como algo pertencente a uma classe ou a um certo tipo. Esta clarificação primária nos permite detalhar ideia do autor lituano de que se, por um lado, a percepção comporta uma dimensão de generalidade e referencialidade, doravante debatida sob a alcunha de “tipicalidade”, por outro, no entanto, a experiência categorial representa um nível de significação *sui generis*, marcado no registro da ideação e da abstração dos elementos propriamente sensíveis (Gurwitsch, 1949/2009a). De antemão, é importante dizer que Gurwitsch busca aproximar os achados teóricos-experimentais de Gelb e Goldstein à fenomenologia de Husserl, com a intenção de reafirmar o estatuto ontológico próprio da intencionalidade categorial frente à intencionalidade perceptiva. Ao realizar esta aproximação, como veremos, Gurwitsch também evoca a necessidade de uma complementação da Psicologia da Forma, cujas elaborações em torno do conceito de *Gestalt* demonstram-se restritas ao plano sensível ou perceptivo e, conseqüentemente, limitadas no que tange a descrição da experiência categorial ou abstrata. Passemos, então, à compreensão da estrutura horizontal da percepção, tal como pensada por Gurwitsch.

A experiência perceptiva atual é sempre circundada por um horizonte de indeterminação ou de experiências possíveis que transbordam a apreensão sensível direta: há sempre um excesso de ser em relação aquilo que se vê. Essa latência do que é ausente na apresentação do aspecto visto não é uma presença-representada ou imaginada. O invisível da percepção está contido no percebido sob a forma de um horizonte de referências perceptivas e não conceituais (Gurwitsch, 1965/2009b). Em termos propriamente fenomenológicos, Gurwitsch considera que o noema particular, o objeto tal qual intencionado em uma determinada perspectiva ou orientação, apresenta-se como um membro do sistema noemático, o objeto percebido. O objeto tal como visado é uma parte que atualiza as relações da totalidade, de modo que os aspectos não visíveis na percepção direta podem ser considerados como “componentes noemáticos implícitos” (Gurwitsch, 1957, p. 172). O lado presente do prédio que vejo contem certas indicações não-temáticas aos lados que não vejo: toda experiência atual co-intenciona o horizonte interno do objeto, isto é, seus aspectos invisíveis. É em virtude desta estrutura horizontal da percepção que vejo o próprio prédio e não apenas seu lado ou seus perfis presentes. Gurwitsch formula esta organização referencial das aparências perceptivas do objeto sob o prisma do conceito de “implicação perceptiva”⁶, que indica os “componentes e constituintes que, embora essenciais para a estrutura noemática, não são ainda desvelados e articulados, contribuindo para tal estrutura, por assim dizer, de uma maneira silenciosa”. (Gurwitsch, 1965/2009b, p.401).

⁵ A atitude abstrata equivale ao que anteriormente chamamos de atitude categorial (Goldstein, 1971, p.402).

⁶ O conceito de “implicação perceptiva” visa desenvolver noematicamente esta referencialidade da percepção que o conceito de horizonte interno, em Husserl, parece tratar noeticamente, nos termos de antecipação dos atos de consciência. (Gurwitsch, 1965/2009b). Para o tratamento da noção de horizonte interno em sua relação com a ideia de tipicalidade, ver Husserl (1934/1970, §8).



No interior dessa dinâmica referencial, toda experiência de um objeto particular é marcada por uma “tipicalidade”, pela percepção do objeto como sendo de um certo “tipo”. Assim, a percepção da parte frontal de um prédio que visito pela primeira vez co-intenciona um horizonte mais ou menos determinado: o horizonte de um prédio e não o horizonte de uma usina, de uma casa etc. Isto significa que a indeterminação perceptiva dos lados não-vistos nunca é total, e sempre se conforma a uma atmosfera de generalidade; “ela é uma indeterminação, por assim dizer, no interior de uma especificação mais ou menos distinta” (Gurwitsch, 1957, p. 196). A indeterminação dos lados não vistos concerne o modo pelo qual o “tipo” se realiza, aos seus conteúdos, por assim dizer. O tipo ele mesmo, no entanto, é determinado, mais ou menos, em seu estilo geral. Malgrado, por exemplo, o fato de que eu só vejo a fachada deste prédio desconhecido e que, consequentemente, eu não posso estabelecer nenhum gênero direto de determinação perceptiva de sua extensão ou de sua composição interna, sei, de maneira implícita, que “de alguma forma” [somehow] a fachada tem um fundo, que é “de alguma forma” colorido, “de alguma forma” extenso (Gurwitsch, 1929/2009c) etc. Todas essas generalidades se conformam à categoria “prédio”. Dessa maneira, ainda que o horizonte interno do objeto seja dado de forma vaga e obscura, sua função não é negativa, já que mesmo na ausência de detalhes, “todo horizonte interior apresenta uma marca [empreinte] característica” (Gurwitsch, 1957, p.192).

A experiência de um indivíduo concreto, em razão de seu caráter “típico”, pode ser desdobrada na apreensão de um conceito ou de uma categoria universal. O animal que vejo é percebido como “cachorro” – um indivíduo que pertence a um certo tipo. As experiências noturnas, como avistar alguém na penumbra, são indicativas desta apreensão geral do objeto empírico. Vejo alguém, não sei certamente quem, mas vejo uma pessoa. A elucidação fenomenológica da estrutura do horizonte interno revela como o excesso da percepção ou as referências do aspecto visto aos aspectos ausentes são marcadas por um nível de generalidade ou de “familiaridade” que ocorre na apreensão sensível. Em seu importante artigo dedicado ao problema da relação entre a tipicalidade, enquanto generalidade perceptiva, e o *eidós*, enquanto objeto ideal, Schutz, interlocutor central de Gurwitsch, escreve: “O objeto é dado para a consciência percipiente não apenas como uma objetividade, mas como um existente de um tipo particular: como uma coisa no mundo exterior, como uma planta, um animal, um ser humano, um produto humano e assim por diante” (Schutz, 1959, p.149).

Entretanto, esta generalidade em voga na percepção não é ainda tematizada na experiência sensível. Perceber “este” animal individual não significa tematizar seu pertencimento à categoria “gato”. Há uma transição entre a “tipicalidade”, a generalidade que se constitui passivamente na apresentação dos sujeitos empíricos, e a subsunção explícita ou temática do particular dentro da categoria. Eis a diferenciação fundamental que devemos estabelecer e que nos habilitará a compreender o essencial da apropriação realizada por Gurwitsch da atitude categorial:

As coisas são percebidas, não apenas como objetos aos quais a espacialidade é essencial, quer dizer, como tendo um interior, como sendo perceptíveis sob outros ângulos que aquele sob o qual elas são percebidas no instante, etc., mas também como pertencendo a certos tipos, e entrando em certas classes. Todavia, perceber um objeto como de um certo tipo, não é a mesma coisa que o tomar explicitamente como exemplar ou espécime de uma classe (Gurwitsch, 1957, p.193)

Nos casos analisados por Goldstein, ainda que o sujeito não possa nomear um objeto que lhe é apresentado, ele pode descrever sua função prática, como, já vimos, quando ele diz “isto é para beber” e “isto é para escrever” ao observar um copo e uma caneta. Nos termos propostos por Gurwitsch, parece-nos cabível supor que o reconhecimento da função, em detrimento da capacidade de nomear o objeto, subsiste em razão do caráter referencial ou horizontal da significação perceptiva; o que o sujeito identifica nestes exemplos é o estilo prático do objeto, seu “tipo” ou sua função de uso, suas possibilidades de ação.

Segundo Gurwitsch (1949/2009a), visar o objeto como representante de uma classe ou de uma categoria significa extrapolar o âmbito sensível ou perceptível, recorrendo àquilo que Husserl chama de formas categoriais, como a forma predicativa *S é p* (o livro é marrom) assim como as palavras “alguns, talvez, e, ou etc.”⁷. Sokolowski (1981, p.128) nos explica que, em Husserl, o categorial designa “o tipo de pensamento e experiência que está conectada à frases que envolvem mais do que nomes simples”. A classe no sentido conceitual não é, por sua vez, uma totalidade perceptível, mas requer um tipo especial de intuição – a intuição categorial. Os atos categoriais são, portanto, uma classe de atos fundados em intuições simples, mas que não se limitam ao âmbito sensível. Por exemplo, na expressão: “o livro é marrom”, os termos “livro” e “marrom” são objetos perceptíveis, apreensíveis por meio dos sentidos, ao passo que o verbo “ser”, representado na forma temporal presente “é”, não apresenta correlato sensível. Compreende-se, então, que os atos perceptivos, tão somente, não são suficientes para explicar a apreensão de objetos ideais ou estados de coisas, os correlatos noemáticos dos juízos.

⁷ A distinção entre formas perceptivas e formas categoriais é aprofundada por Husserl na VI Investigação Lógica (Husserl, 1901/1963). Por motivos de espaço, não nos aprofundaremos nas especificidades do conceito de “intuição categorial” em Husserl, o que demandaria um artigo à parte. Para tanto, recomendamos os trabalhos de Sacrini (2016) e Sokolowski (1981). Embora seja muito importante salientar que, em textos como *Experiência e Juízo* (Husserl, 1934/1970) e *Lógica Formal e Lógica Transcendental* (Husserl, 2009), por exemplo, Husserl “admite que as funções categoriais dos juízos já estão pré-delineadas na percepção” (Sacrini, 2016, p. 251). Em seus cursos dados no Collège de France sobre “A Natureza”, Merleau-Ponty (1995, p.104) tece a seguinte consideração sobre Husserl: “Em seus dez últimos anos, Husserl considera como um traço essencial da fenomenologia que o mundo das idealizações seja construído sobre um mundo pré-reflexivo, um “Logos” do mundo “estético”, o *Lebenswelt*.”



É neste ponto que Gurwitsch (1949/2009a) delimita o cruzamento entre a teoria de Husserl e os achados clínicos de Kurt Goldstein, os quais evidenciam a centralidade da atitude categorial na experiência dita normal e sua restrição ou redução nos casos patológicos. Segundo o autor: “*As teorias de Husserl e a de Gelb e Goldstein convergem em direção ao reconhecimento da ideação como um ato sui generis de natureza específica*” (Gurwitsch, 1949/2009a, p.421, grifos do autor). Esta oposição entre a “tipicalidade” cara à experiência fenomenal e a subsunção de um objeto à uma classe, própria daquilo que Husserl denomina como “identidade categorial”, mostra-se, na visão de Gurwitsch (1949/2009a), correlata à distinção goldsteineana entre atitude concreta e atitude abstrata ou categorial. Essa distinção entre o sentido perceptivo e o sentido categorial aponta para a necessidade de uma complementação dos achados da teoria da *Gestalt*.

A Psicologia da *Gestalt* debruça-se sobre os fenômenos de organização do campo perceptivo, buscando também compreender a referencialidade ou a funcionalidade dos objetos na experiência direta. Os experimentos de Köhler (1929/1957) com chimpanzés, discutidos por Gurwitsch (2002), demonstram que a resolução de uma tarefa por parte do animal, como alcançar uma fruta fora da jaula, exige uma reformulação de seu campo perceptivo. Esta reorganização da esfera perceptiva consiste na capacidade em integrar como possibilidade de resposta ao problema imposto pelo meio objetos que antes eram estranhos ou alheios. Após tentar de diversas formas alcançar um alimento fora da jaula, sem êxito, o animal atenta-se à árvore seca de seu ambiente e destaca um dos galhos para utilizá-lo como bastão. Este exemplo indica que a inteligência animal “consiste em conseguir fechar uma forma [*Gestalt*] aberta, destacando de outra forma fechada e sólida uma parte que adquire uma função determinada na forma a completar” (Gurwitsch, 2002, p.308). A aquisição de um novo comportamento ou hábito resulta, nessa lógica, de um processo de reorganização ou “restruturação de maneiras de agir” (Gurwitsch, 2002, p.210). O hábito adquirido passa a integrar a estrutura do comportamento e a servir também como parâmetro perceptivo para futuras apreensões. Isto serve para mostrar que ainda subsiste uma dimensão de generalidade e de referência na percepção que, no entanto, não se distende para além da experiência sensível ou prática. No animal, tais referências, tais possibilidades, nunca superam a “tipicalidade” do objeto rumo à sua formulação categorial ou abstrata. O fenômeno da instrumentalidade na conduta humana, como a percepção do valor de uso de um martelo por exemplo, pode ser situado no plano da significação fenomenal, ou da atitude concreta. Analogamente, a habilidade do chimpanzé em munir-se de um galho-de-árvore para alcançar um objeto fora da jaula é uma forma de transposição funcional interna à dinâmica perceptiva. Esta significação prática se compreende através da formação de sedimentos perceptivos, de experiências anteriores, que reorganizam a presença funcional do objeto e permitem a formação de um *habitus*⁸ (Gurwitsch, 2002, p.251).

Porém, Gurwitsch (2002, p.311) observa que, malgrado o engajamento prático-perceptivo do animal em seu ambiente, o que comprova o caráter dinâmico e estrutural da significação fenomenal, sua inteligência não comporta linguagem⁹. Sua perspectiva é limitada aos signos sensíveis, suas articulações práticas ocorrem no nível fenomenal, e não categorial ou virtual. Quer dizer, o animal não é um ser simbólico, visto que sua perspectiva é limitada aos signos perceptivos conectados a seus interesses vitais. Nos pacientes de Goldstein, vimos que a impossibilidade da atitude categorial expressa-se na manipulação concreta ou automática da linguagem, assolada pela perda de fluidez e inflexibilidade da expressão. Nestas condições, o uso da linguagem torna-se análogo ao uso que fazemos de um instrumento – o sujeito usa da palavra para colar-se ao objeto atual. Contudo, em sua constituição global no sujeito normal “a linguagem não é simplesmente um instrumento. Não é simplesmente um meio superficial de comunicação, não é um simples nomear objetos mediante palavras; representa um modo particular de criar o mundo, isto é, por meio de abstrações” (Goldstein, 1961, p.76). Se a linguagem não se encontra nos símios superiores, mesmo que eles possuam os materiais anatômicos necessários para a produção de sons, e, além disso, se ela só pode representar a essência humana enquanto compreendida em sua função representativa, somos levados, a partir da compreensão da atitude categorial como um domínio ideativo *sui generis*, a entender a experiência patológica como a perda desta capacidade de abstrair os detalhes perceptivos de uma situação ou, ainda, como a incapacidade a intuir categorialmente.

Assim, a identidade fenomenal é vivida: o galho de árvore passa a *servir como* “bastão” dentro da situação-problema do animal. A identidade categorial, por sua vez, não se expressa por meio dos dados sensoriais: o galho de árvore não é tomado pelo animal como representante da classe de objetos “bastão”. A natureza dessa identidade categorial, diz Gurwitsch (2002, p. 306), é “formal e universal”, e, por esta razão, ela se apresenta como um limite às elaborações da Psicologia da Forma, restritas a descrever o domínio da experiência sensível.

Reiteramos que Gurwitsch leva em conta a estrutura de generalidade que permeia toda percepção de algo, uma espécie de indeterminação significativa, que informa imediatamente o objeto dentro de um quadro típico. Entretanto, o autor sustenta que o excesso operante na experiência categorial é fundamentalmente distinto. Este “mais” categorial consiste no ultrapassamento da situação concreta ou individual e na possibilidade de apreensão do ideal, universal ou abstrato. Se por um lado, a fenomenalidade comporta a generalidade, por outro, o fenomenal, por si só, não explica a visada categorial. A realização de uma intenção categorial tem como condição a tomada de distância frente ao sensível. Desta maneira, a generalidade ou tipicalidade perceptiva do objeto podem ser compreendidas como estruturas atuantes no interior da atitude concreta, ao

⁸ A compreensão de que a doação de sentido se origina pelo *habitus*, a historicidade do objeto em nossa relação com ele, é o que leva Leclerq (2011) a afirmar que a fenomenologia constitutiva de Gurwitsch possui uma inflexão pragmática.

⁹ Conforme notam Santos e Verissimo (2017, p.18), os limites da Psicologia da Gestalt remetem, diretamente, ao problema da linguagem.



passo que a generalidade categorial ou ideal, a capacidade de identificação do particular em torno de uma ideia, pertence à atitude categorial. A questão da “tipicalidade”, pensada no interior da dinâmica de antecipações perceptivas, serve a descrever a generalidade em voga na percepção, a subsunção implícita do objeto em uma classe, um estilo ou um tipo, o que permite compreender a transposição das estruturas aprendidas para novas estruturas, sem recorrer a instâncias simbólicas ou categoriais. Por outro lado, a interpretação da patologia enquanto impossibilidade de adoção da atitude categorial fortalece, na ótica de Gurwitsch, a hipótese de que a ideação constitui um ato *sui generis*, cuja natureza, portanto, não pode ser compreendida apenas sob a base dos atos perceptivos. Afirmando o primado do categorial sobre o perceptivo, Gurwitsch escreve que:

[...] ao separar a significação imediata da significação categorial [...] é preciso insistir sobre a natureza específica desta última, a qual somos obrigados a fazer justa *[rendre pleinement justice]* [...]. Qualquer que seja o estatuto que devemos dar, em última análise, ao categorial, o que é certo é que ele não é um dado sensorial ou quase sensorial, que ele não está ligado, na qualidade de traço fenomenal, a tais dados e que ele não faz parte dos fenômenos (Gurwitsch, 2002, p.306).

A Determinação Antropológica da Atitude Categorial

Passemos, neste momento, à interpretação dada por Merleau-Ponty ao conceito de atitude categorial em sua primeira obra, *A Estrutura do Comportamento* (Merleau-Ponty, 1942/1967), com o propósito de contrastá-la à clara divisão estabelecida por Gurwitsch entre o domínio perceptivo e o domínio categorial. Veremos como Merleau-Ponty transita da caracterização da percepção animal como uma estrutura significativa e dialética, para, enfim, propor que a dimensão idealizante da conduta simbólica já se encontra em estado nascente na própria capacidade da percepção humana em variar seus pontos de vista sob uma mesma coisa. A análise desta tensão antropológica não é acessória: é por meio dela que se torna possível delimitar a especificidade dos comportamentos humanos.

Desde o começo de *A Estrutura do Comportamento* (Merleau-Ponty, 1942/1967), está em questão mobilizar a noção de comportamento como conceito-chave na tentativa de reformular as relações entre consciência e natureza. As dicotomias tradicionalmente estabelecidas, como aquela entre o psíquico e o físico, encontram-se diluídas no comportamento; este apresenta uma “neutralidade” constitutiva. Merleau-Ponty rejeita a representação científica do comportamento, encarnada na noção de reflexo, devido aos seus esforços por reduzir a conduta do organismo a um sistema inteiramente determinado por relações causais entre o estímulo e o aparelho reflexo. Contra uma tal concepção, Merleau-Ponty, na esteira de Goldstein (1934/1983), compreende que, mesmo nos comportamentos animais considerados mais “simples”, há o estabelecimento de uma relação dialética e significativa com o meio. Aquilo que aparece ao organismo em seu *Umwelt*, seu ambiente circundante, não são sensações desprovidas de sentido, mas são situações organizadas a partir de seus *a priori* e de suas capacidades práticas. Por isso, a descrição da estruturação das boas-formas, as *Gestalten*, deve não apenas levar em consideração os aspectos formais da organização do campo perceptivo, como a simetria ou a proximidade dos estímulos. Em contraste à concepção formulada pela Teoria da Forma¹⁰, que acentua os fatores estruturais de organização do campo perceptivo, Goldstein considera que “a tendência em direção à boa-forma encontra sua explicação no fenômeno organizmico” (Goldstein, 1939/1995, p.292). Para o autor, a “totalidade” deve ser sempre reportada à totalidade orgânica, ou seja, ao caráter global e dinâmico do comportamento. Assim, “todos os eventos no organismo, ainda que eles aconteçam em partes, são holísticos” (Goldstein, 1939/1995, p.299). A segregação e a distribuição perceptiva, o arranjo do processo figura-fundo, devem ser remetidos à tendência do organismo a realizar os comportamentos mais adequados e privilegiados face a suas tarefas. No ambiente circundante do animal, o mundo enquanto perspectivado por seus interesses específicos, “os estímulos intervêm segundo o que significam e valem para a atividade típica da espécie considerada” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.140). A produção de uma “boa-forma”, de uma *Gestalt*, deve-se à existência de condutas “privilegiadas”, de padrões típicos de atividade, pelos quais o organismo adapta-se ou adequa-se de maneira espontânea e eficiente ao ambiente, permitindo “a melhor apreensão do mundo de acordo com a situação” (Goldstein, 1939/1995, p.287). Sob a influência de Goldstein, Merleau-Ponty afirma que:

A experiência num organismo não é o registro e a fixação de certos movimentos realmente acabados: ela constrói aptidões, ou seja, o poder *geral* de responder a situações de um certo *tipo*¹¹ por reações variadas que têm apenas o sentido em comum (Merleau-Ponty, 1942/1967, p. 140, grifos nossos).

¹⁰ Para um estudo detalhado das divergências entre Goldstein e a Teoria alemã da Forma, ver Verissimo (2015).

¹¹ Merleau-Ponty emprega, diversas vezes, a ideia de tipicalidade. Certamente, o espectro derivativo do termo “tipicalidade” (tipo, típico etc.) não se vincula, na *A Estrutura do Comportamento*, diretamente à filosofia de Husserl (1934/1970), tal como se passa em Gurwitsch. Não obstante, Saint-Aubert (2013) observa que, na obra de Merleau-Ponty, as figuras da “tipicalidade” não são meramente empregadas em seu uso comum, mas desempenham o papel de descrever as estruturas de generalidade, “impessoalidade” ou anonimato da experiência corpórea. As menções à ideia de “tipo”, inscrevem-se no âmbito das descrições das “atividades típicas” dos viventes, as quais representam os modos próprios pelos quais o organismo relaciona-se com seu ambiente. Assim, o “típico” corresponde a certas estruturas prático-perceptivas que tomam a forma de comportamentos privilegiados, não no sentido econômico de condutas mais eficazes que dispendam menos energia, mas enquanto modos de ação diretamente integrados às demandas do organismo.



Essa ênfase na compreensão do organismo como uma totalidade orgânica indica que, n'A *Estrutura do Comportamento*, a noção de *Gestalt*, advinda dos trabalhos da Psicologia alemã da Forma e denotando a estruturação auto-organizada do campo perceptivo, repousa na noção de Estrutura, tal como formulada por Goldstein (1934/1983) e entendida como o modo de descrever o caráter organizado e dinâmico da ação do organismo (Bimbenet, 2004). A imbricação entre as duas teorias é realizada, na primeira obra de Merleau-Ponty, por meio incorporação da forma à estrutura, repousando “a totalização perceptiva sob a significação funcional” (Bimbenet, 2004, p.54).

Com isto, nota-se que a complementação da Psicologia da Forma é circunscrita de modo diferente em Merleau-Ponty. O que Gurwitsch resgata em Goldstein a fim de complementar a teoria da Forma é, principalmente, a diferença essencial entre o categorial e o perceptivo. Malgrado a competência descritiva da Psicologia da *Gestalt* em abordar o sentido perceptivo, ela revela-se inapta a desenvolver uma reflexão apurada sobre a dimensão categorial ou abstrata do comportamento. Em Merleau-Ponty, há uma inclinação mais acentuada em direção à teoria “organísmica” de Goldstein. A reformulação da noção de organismo, a partir da crítica ao paradigma reflexológico, opera uma reformulação subsequente da própria ideia de percepção: o animal é um ser que percebe totalidades em razão de sua própria composição gestáltica, ele mesmo é uma totalidade. Doravante, mostraremos como a delimitação da atitude categorial se constitui no contraste antropológico, na explicitação das diferenças entre os modos de ser da ordem vital e da ordem simbólica que, ao cabo, revelarão dois modos distintos de *perceber*.

Seguindo esta reflexão ascendente, do animal para o humano, devemos observar que Merleau-Ponty também se vale das pesquisas de Köhler com símios antropóides (1929/1957). Contudo, à diferença de Gurwitsch, o filósofo francês não conclui que o que falta ao animal é a capacidade categorial, formada no domínio das abstrações ou idealizações que caracterizariam a racionalidade humana. Na verdade, o que tais experimentos revelam, na visão de Merleau-Ponty, é como o valor funcional de um objeto atua de maneira imperativa na percepção do animal, ao ponto de suprimir suas possibilidades de adotar, de maneira fluida, outras perspectivas possíveis. Na conduta animal, a função presente revela-se imperativa em relação a outros usos possíveis; aquilo que se apresenta sempre aparece como radicalmente “perspectivado” pelo organismo. O objeto percebido pelo animal é circunscrito ou polarizado por suas necessidades práticas, apresentando-se como objeto de interesse apenas em relação à função que assume em um determinado contexto. No comportamento do chimpanzé, o galho de árvore utilizado como bastão é suprimido em sua forma “galho-de-árvore”; o animal pode enxergar o galho de árvore e pode transformá-lo em um objeto funcional, um bastão, mas ele não pode perceber o objeto simultaneamente como galho de árvore e como bastão. Um chimpanzé que aprendeu a utilizar a caixa como apoio para alcançar uma fruta pendurada no teto da jaula não se serve dela se ela for percebida como assento para outro animal (Merleau-Ponty, 1942/1967). Experimentos com “símios inferiores” demonstram que o valor de uso do objeto, do bastão por exemplo, está condicionado à distância em relação ao objetivo. Sua instrumentalidade depende da possibilidade do animal em correlacionar na visão o instrumento e sua meta, de sorte que a atribuição funcional está estritamente conectada à configuração geral da situação. De acordo com Merleau-Ponty (1942/1967, p.124), as estruturas mecânicas do objeto, como sua superfície ou tamanho, que podem assumir as funções de apoio, no caso da caixa, e de bastão, no caso do galho, não são validadas em-si próprias no comportamento do animal. Aquilo que o objeto contém a título de realidade física, suas características físico-geométricas, não é o que se sobressairá na forma do estímulo para o organismo. Uma inclinação geométrica da percepção, nos termos de uma mensuração ou de uma tematização dos estímulos objetivos, como a altura ou a largura, requer um tipo de atitude de destacamento ou de avaliação que a imersão funcional da visão animal não comporta. Com efeito, ao iniciar sua reflexão sobre as “formas simbólicas”, a esfera própria da consciência humana, Merleau-Ponty afirma que “no comportamento animal os signos permanecem sempre signos e não se tornam jamais símbolos” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.130). Um cachorro adestrado para saltar em cadeiras não consegue realizar o movimento se elas forem substituídas por poltronas, assim como “a caixa-sede e a caixa-instrumento são, no comportamento do chimpanzé, dois *objetos* distintos e alternativos, e não dois *aspectos* de uma coisa idêntica” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.142).

Em contrapartida à conduta dos signos, Merleau-Ponty mostra que a percepção humana é dotada de uma capacidade de variação indefinida dos pontos de vista em relação a um objeto ou a uma situação, uma “multiplicidade perspectiva” que permite uma apreensão livre e o surgimento de um conjunto de condutas orientadas ao domínio do possível. Para o filósofo:

Tornando possível todas as substituições de pontos de vista, ela [a multiplicidade perspectiva] libera os “estímulos” das relações atuais nas quais meu ponto de vista particular os prende, dos valores funcionais que as necessidades da espécie definidas para sempre lhes atribuíam. (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.133)

A possibilidade de superar as imposições do meio se dá a partir do surgimento da estrutura de identidade e multiplicidade na percepção. É porque podemos transcender a força da aparência, do concreto ou do particular, visando-o como o invariável no meio da multiplicidade, que podemos ultrapassar as estruturas presentes para criar outras. Embora, por um lado, o comportamento do símio demonstre uma capacidade de imputar aos objetos naturais uma função, por outro, o animal não é apto a criar instrumentos que permitam



criar outros instrumentos (Merleau-Ponty, 1942/1967). O galho de árvore, conclui o filósofo, não é um instrumento para o animal, pois seu uso é restrito à função adquirida na situação vivida. Já na conduta humana, na atitude categorial, “o galho de árvore transformado em bastão continuará justamente um galho-de-árvore-transformado-em-bastão, uma mesma ‘coisa’ em duas funções diferentes, visível ‘para ele’ sob uma pluralidade de aspectos” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.190).

Na perspectiva de Merleau-Ponty (1942/1967, p.129), o comportamento animal carece, portanto, desta “estrutura-coisa”, pois uma coisa é um invariável possível de ser significado ou intencionado de diversas maneiras. Essa estrutura-coisa é, no comportamento humano, o protótipo da categoria. Trata-se da identidade ou do núcleo invariável que norteia as mudanças perceptivas ou conceituais; ela representa o tema sob o qual novas performances ou funções serão vislumbradas. Se, por um lado, o comportamento animal é dotado de uma “intencionalidade vital”, se “os perceptos do animal são *Gestalten* com valores funcionais inerentes” (Marangoni & Verissimo, 2018, p.79), por outro, o animal é uma espécie de ser obcecado por seu ponto de vista, o que significa que o núcleo da “insuficiência simbólica”¹² de sua conduta reside no fato de que ele “não pode variar os pontos de vista, como não poderia reconhecer uma mesma *coisa* de diferentes perspectivas” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.128, grifos do autor).

Nesse sentido, n’A *Estrutura do Comportamento*, a conduta simbólica, a atitude categorial, não se conforma ao tema da “subsunção” do particular ao universal. A “razão” humana não reside no poder de unificar o sensível sob o mando da categoria; ela se estrutura, primordialmente, como a potência de multiplicação do olhar e a multiplicidade perspectiva representa o “poder da ação humana de inflar os dados de sentido, para além do interesse vital de adaptação ao meio” (Ramos, 2013, p.35). Esta capacidade atuante no seio da percepção, esta “multiplicidade perspectiva”, providencia, ainda, a abertura à evidência da coisa enquanto verdade intersubjetiva, enquanto polo idêntico em torno do qual converge uma comunidade de perspectivas. Meu ponto de vista já comporta a possibilidade de ver o objeto sob outra perspectiva, pelo olhar de outrem, por exemplo. Não é por acaso que a capacidade revolucionária, a palavra e o suicídio são fenômenos propriamente humanos, uma vez que denotam o poder de recusar a situação presente, orientando-se fora dos limites impostos pelo meio (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.190). “Estes atos da dialética humana revelam todos a mesma essência: a capacidade de se orientar em relação ao possível, ao mediato, e não com relação a um meio limitado – o que chamamos, acima, com Goldstein, a atitude categorial”. (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.190). A conduta simbólica é, desta maneira, outro nome para designar o registro de abertura ou desprendimento em ação na percepção. A percepção animal, a seu turno, é inteiramente um poder prático de centralização do percebido a partir de si (Bimbenet, 2011/2014).

Portanto, a proficuidade da noção de atitude categorial, para Merleau-Ponty, reside na possibilidade de entender a percepção humana como essencialmente aberta à variação de seus pontos de vista, o que significa encarnar a idealidade na percepção concreta. A dinâmica de variação perceptiva já contém um germe de idealidade no sentido em que a alteração das perspectivas não dilui as visadas anteriores, mas as integra na unidade da coisa. Ver é sempre ver mais do que vemos e este excesso pressupõe que a coisa possa ser visada por uma comunidade de pontos de vista, sem se desintegrar em suas variações. Para a reflexão antropológica de Merleau-Ponty, a conduta simbólica instaura, na história da vida, o encontro com a transcendência e a possibilidade do fenômeno do real, antes de tornar-se um gênero intencional “superior” à intencionalidade perceptiva. Essa multiplicidade perspectiva indica o advento de uma conduta “livre” e “cognitiva”, capaz de distanciar-se do poder atrativo dos signos, de sua circunscrição à situação ou a um uso funcional específico, sem que o objeto se perca nas transformações da percepção. O que a preocupação antropológica traz à mesa é mostrar que a passagem da conduta do signo à conduta simbólica não é a passagem do instinto à razão enquanto poder cognitivo ou faculdade ideativa. Trata-se, antes, de abordar o problema nos termos de uma transição de uma percepção marcada pelo fechamento ou centralização do campo perceptivo, orientada pela força imperiosa da norma e por um “perspectivismo radical” (Bimbenet, 2011/2014), à percepção enquanto abertura, variação ou multiplicidade. Conforme explica Bimbenet (2011/2014, p. 178):

É finalmente uma capacidade idealizante, muito mais que cognitiva, que caracteriza nossa relação ao mundo. Nós estamos no mundo através de uma atitude idealizante, no sentido preciso que Husserl deu às palavras “idealidade” ou “eidos”, de onde deriva a famosa ‘eidética’: ‘a unidade na multiplicidade’, identidade como correlato de uma repetição aberta e sem fim; em suma: capacidade de visar o mesmo através de atos de consciência indefinidamente repetíveis e empiricamente diversos.

Ao retornarmos o olhar para o campo da análise psicopatológica, tornam-se evidentes as diferenças entre Gurwitsch e Merleau-Ponty. Conforme assinala Verissimo (2012, p. 49), o cruzamento conceitual realizado por Gurwitsch, ao aproximar as formulações husserlianas sobre a intencionalidade categorial com o conceito de atitude categorial, tal como exposto por Goldstein, mostra-se problemático. A objeção principal consiste no fato de que nos pacientes em que a função simbólica parece ser afetada, resultando na regressão

¹² A caracterização do “carecimento” animal mostra-se distinta nos dois autores. Não se trata de dizer que o animal “carece” da atitude categorial enquanto esse campo disponível de comportamentos abstratos; o que falta à ordem vital, para Merleau-Ponty, é essa “idealidade”, essa estrutura de identidade na multiplicidade, que se encarna na percepção.



ao nível concreto ou situacional do comportamento, observam-se também alterações referentes à própria estrutura figura-fundo¹³. Em outras palavras, a alteração patológica modifica o ato perceptivo em sua totalidade e não apenas em suas instâncias ideativas ou abstratas. O distúrbio da atitude categorial constitui uma reorganização de todo sentir, dado que ele se expressa como “uma falta de densidade e amplitude vitais cujos distúrbios cognitivos são apenas uma expressão secundária” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.137). Ademais, para Gurwitsch, malgrado o fato do animal também perceber conjuntos significativos, *Gestalten* cuja transponibilidade está mergulhada nos imperativos da situação, ele não possui linguagem e, portanto, ele, assim como o doente, não pode “generalizar”, isto é, representar para si uma vida diferente daquela que lhe impõe os sentidos. Gurwitsch não concebe as estruturas típicas da percepção como categorias, já que a categoria requer a explicitação do vínculo entre o particular e o geral. A constatação da limitação simbólica do animal apenas confirma aquilo que já se sabe: que a abstração exige algo a mais que a percepção. Se, em Gurwitsch, a integração dos achados experimentais de Goldstein às reflexões fenomenológicas de Husserl ocorre com vistas a confirmar a distinção estabelecida por seu mestre entre a significação perceptiva e a significação categorial, Merleau-Ponty, a seu turno, mobiliza seu pensamento no interstício antropológico para mostrar que a atitude categorial enraíza-se na percepção e designa a abertura ou na possibilidade de variar dos pontos de vista sobre uma mesma coisa.

Nessa medida, a determinação antropológica da atitude categorial realizada por Merleau-Ponty alimenta-se do intuito de redefinir o sentido clássico da razão, considerada como a junção do espírito à matéria, expressa na fórmula “o homem é um animal racional”. A emergência da razão não deixa incólume a esfera instintiva ou concreta e, nesse sentido, por exemplo, “distúrbios gnósticos que afetam a atitude categorial se traduzem pela perda das iniciativas sexuais” (Merleau-Ponty, 1942/1967, p.196). Certamente, o deslocamento da idealidade para o plano perceptivo não elimina o fato de que somos seres de linguagem, ou que intuimos objetos universais ou ideais como entendia Husserl. Trata-se, tão somente, de reposicionar o próprio sentido do que é uma categoria ou uma essência. No âmbito d’*A Estrutura do Comportamento*, a consciência humana difere da dialética orgânica formada no embate da percepção com o meio porque ela se perfaz como a possibilidade sempre presente de desprender-se, como na linguagem e já na inserção do sujeito em um mundo de objetos culturais que portam a referência a outrem.

Considerações Finais

Tanto Gurwitsch como Merleau-Ponty lançam mão do dispositivo teórico-experimental da atitude categorial com o propósito de compreender o “excesso” ou a abertura da experiência para a dimensão do possível ou do ideal. Eles consideram que o perspectivismo não é uma deformação subjetiva ou um acidente de nossa constituição psicofísica; o visível pressupõe uma profundidade inesgotável que faz com que o objeto seja, precisamente, um objeto: o invariante de minhas explorações possíveis e não uma imagem subjetiva, sem lados ou perfis. Se a atitude categorial se refere à experiência do possível ou do virtual, ela abre margem para uma dupla interpretação deste “excesso” que compõe a vida humana. Ela pode tanto ser elaborada como o excesso dos objetos ideais ou categoriais sobre os objetos sensíveis, o que exigiria uma operação que, embora apoiada na percepção, visasse, necessariamente *para-além* dela, ou, ela pode ser enraizada na experiência sensível e designar a própria pluralidade constitutiva do ver humano – é a encarnação do possível ou do múltiplo na percepção que torna a visão humana um verdadeiro “ponto de vista”.

Em suma, a hipótese que buscamos apresentar é a de que, para o Merleau-Ponty d’*A Estrutura do Comportamento*, o sentido ou a idealidade estão incrustados na percepção, como nos faz ver a noção de multiplicidade perspectiva; logo, em contraste com Gurwitsch, seria preciso dizer que há uma preparação do categorial na percepção. Enquanto em Gurwitsch a atitude categorial denota uma dimensão *sui generis*, que aparece vinculada ao núcleo abstrato da visada humana, na primeira obra de Merleau-Ponty, por outro lado, a atitude categorial nomeia uma classe original de comportamentos na escala da vida dotados de uma nova forma de perceber, que portam em seu próprio movimento uma abertura ao possível e à substituição dos pontos de vista.

Referências

Bimbenet, E. (2004) *Nature et Humanité: Le problème anthropologique dans l’oeuvre de Merleau-Ponty*. Paris: Vrin.

Bimbenet, E. (2012). Como seria ver como um humano? *DoisPontos*, v. 9, n. 1, p. 251-265. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/29100>>.

¹³ Em seus cursos ministrados na Sorbonne, entre 1949 e 1952, Merleau-Ponty escreve que: “a incapacidade de classificar, no doente, está ligada a uma transformação de sua própria percepção: enquanto que no indivíduo normal há, de imediato, organização do campo perceptivo segundo linhas de força” (Merleau-Ponty, 2001, p.62-63).



- Bimbenet, E. (2014) *O animal que não sou mais*. (M. J. D'Escragnolle, Trad.) Curitiba: UFPR. (Original publicado em 2011)
- Carman, T & Hansen, M. (2005) Introduction In: Carman, T & Hansen, M. (Eds). *Cambridge Companion to Merleau-Ponty*. 1-25. Cambridge: Cambridge University Press.
- Embree, L. (1981) Gurwitsch's critique of Merleau-Ponty. *Journal of the british society for Phenomenology*. 12(2), 150-163
- Gelb, A., & Goldstein, K. (1925). Psychologische Analysen hirnpathologischer Fälle. *Psychologische Forschung*, 6(1), 187-199.
- Geraets, T. (1971). *Vers une nouvelle philosophie transcendantale: La genèse de la philosophie de Maurice Merleau-Ponty jusqu'à la Phénoménologie de la Perception*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Goldstein, K. (1961) *La Naturaleza humana a luz de la psicopatología*. (Trad. E. de Dietrich). Buenos Aires: Paidós.
- Goldstein, K. (1971) On naming and pseudonaming from experiences in psychopathology. In Gurwitsch, A et al. *Kurt Goldstein: selected papers/ausgewählte Schreften*. Netherlands: Martinus Nijhoff, The Hague, 397-409.
- Goldstein, K. (1983). *La Structure de l'organisme*. (E. Buckhartdt & J. Kuntz. Trad.) Paris: Gallimard.(Obra original publicada em 1934)
- Goldstein, K. (1995) *The organism: a holistic approach to Biology derived from pathological data in Man*. New York: Zone Books. (Original publicado em 1939)
- Grathoff, R (1989). (Ed.). *Philosophers in exile: the correspondence of Alfred Schutz and Aron Gurwitsch, 1939-1959*. Tradução: J. Claude Evans. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- Gurwitsch, A. (2009a). Gelb-Goldstein's Concept of Concrete and Categorical Attitude and the Phenomenology of Ideation. In F. Kersten (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology*, 403-431. Dordrecht: Springer. (Original de 1949).
- Gurwitsch, A. (2009b) The Phenomenology of perception: perceptual implications. In: García-Gomez, J. (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), I: Constitutive Phenomenology in Historical Perspective*. Dordrecht: Springer, 399-410. (Original publicado em 1965)
- Gurwitsch, A. (2009c) Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between Gestalt Theory and Phenomenology. In: Kersten, F. (Ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology*. Dordrecht: Springer, 193-317. (Original publicado em 1929).
- Gurwitsch, A. (1957) *Theorie du champ de la conscience*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Gurwitsch, A. (2002) *Esquisse de la phénoménologie constitutive*. Paris: Vrin
- Husserl, E. (1963). *Recherches logiques, tome troisième: éléments d'une élucidation phénoménologique de la connaissance*. Paris, France: PUF. (Original publicado em 1901)
- Husserl, E. (1970) *Expérience et jugement*. Paris: PUF (Original publicado em 1934)
- Husserl, E (2009). *Logique formelle et logique transcendantale*. Paris: PUF.
- Köhler, W. (1957). *The Mentality of Apes*. (E. Winter, Trad.). Nova York: Hartcourt Brace. (Original publicado em 1929)
- Leclercq, B. (2011) Noème perceptuel: Ameublement du monde et identité des objets à travers les mondes possibles. *Bulletin d'analyse phénoménologique*. VII(1), 73-91.
- Marangoni, P & Verissimo, D. (2018). Intencionalidade e comportamento: a percepção vivente em Merleau-Ponty. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(1), 75-83. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.18065/RA-G.2018v24n1.8>
- Merleau-Ponty, M. (1967) *La structure du comportement*. Paris: PUF. (Original publicado em 1942).



- Merleau-Ponty, M (1995). *La Nature: notes, cours au Collège de France*. Paris: Seuil.
- Merleau-Ponty, M. (2001) *Psychologie et pédagogie de l'enfant: Cours de Sorbonne (1949-1952)*. Paris: Verdier.
- Merleau-Ponty, M. (2011) *Le monde sensible et le monde de l'expression: cours au Collège de France 1953, notes*, Genève: Metis presses.2011 (Original publicado em 1953).
- Pintos, M. L. (2007) Gurwitsch, Goldstein e Merleau-Ponty: análisis de una estrecha relación. *Contrastes- Revista internacional de filosofía*, Málaga, Vol.XII, 189-215.
- Ramos, S. (2013) Sobre a imaginação: de Sartre a Merleau-Ponty, *Revista de filosofia moderna e contemporânea*, 2, 28-49.
- Sacrini, M. (2016) Categorical Intuition and passive synthesis in Husserl's phenomenology. *Horizon*, 5 (2), 248-270.
- Saint-Aubert, E. (2013) *Être et Chair I: du corps au désir*. Paris, Vrin.
- Santos, H. & Verissimo, D. (2017). Aron Gurwitsch, intérprete de Kurt Goldstein: a intencionalidade categorial. *Psicologia em Pesquisa*, 11(1), 1-2. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.24879/2017001100100210>
- Schutz, A. (1959) Type and eidos in Husserl's late philosophy, *Philosophy and Phenomenological Research*, XX (2), 147-165
- Sokolowski, R. (1981) Husserl's Concept of Categorical Intuition. *Philosophical Topics* 12 (Supplement), 127-141
- Verissimo, D. (2012) *A primazia do corpo próprio: posição e crítica da função simbólica nos primeiros trabalhos de Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora Unesp.
- Verissimo, D. (2015) Percepção e Comportamento em Kurt Goldstein: Contrapontos em relação à Psicologia da Forma. In: Silva, C.A. (Ed) *Kurt Goldstein: Psiquiatria e Fenomenologia*. Cascavel, EDUNIOESTE, 89-108.

Submetido em 31.08.2021 – Aceito em 09.12.2021